

**A estética do anonimato na Deep Web:
a metáfora das máscaras e do homem invisível aplicada ao
“submundo” da internet ¹**

Giovanna ABREU²
Marcos NICOLAU³

Resumo

O presente estudo aborda aspectos e questões pertinentes à Deep Web, bem como à estética do anonimato nesse ambiente multifacetado da internet. A partir de uma pesquisa exploratória e bibliográfica, cujos maiores expoentes foram Assange (2013), Campanelli (2010) e Sibilia (2008), buscou-se situar tais discursos de forma que se pudesse compreender o sujeito contemporâneo inserido nesse universo paralelo e como as suas relações sociais se estruturam. Considerando a estética do anonimato, particularmente, na Deep Web, percebe-se que essa condição inerente aos usuários é um importante elemento produtor de sentido. O artigo introduz, ainda, uma reflexão sobre as metáforas das máscaras e do homem invisível como elementos que acionam a compreensão do fenômeno do anonimato.

Palavras-chave: Deep Web. Anonimato. Estética. Metáfora.

Abstract

This study addresses issues pertaining to the Deep Web as well as to the aesthetics of anonymity in this multifaceted environment of internet. From an exploratory research and a literature search, whose greatest exponents were Assange (2013), Campanelli (2010) and Sibilia (2008), we tried to situate the discourses so that we could understand the contemporary subject inserted into this parallel universe and how their social relations are structured. Considering the aesthetic of anonymity, particularly in the Deep Web, we realize this inherent condition of the users is an important element, a producer of meaning. The paper also introduces a reflection on the metaphors of the masks and the invisible man as elements that prompt the understanding of the anonymity phenomenon.

Keywords: Deep Web. Anonymity. Aesthetics. Metaphor.

¹ Artigo apresentado no Eixo Imaginário Tecnológico e Subjetividade, do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, ABCiber/Curitiba - novembro de 2013.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/ UFPB). Integrante do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas (Gmid/PPGC).

³ Professor pós-doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB). Coordenador do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas (Gmid/PPGC).

Introdução

A expansão da internet e a elevação de sua importância para o conjunto de atividades sociais, culturais e econômicas trouxeram a questão do anonimato para o rol de preocupações relevantes no cenário comunicacional.

Motivado, então, pela necessidade de compreender como se dá a construção do sujeito anônimo, mais do que isso, como esses indivíduos interagem, influenciam, são influenciados e quais são os seus propósitos, este trabalho visa discutir a estética do anonimato em um ambiente específico e ainda pouco explorado da internet: a Deep Web.

Esse universo paralelo é composto por sistemas que trabalham com redes anônimas, fornecedoras de conteúdos escondidos. Nenhuma de suas páginas é localizada através de mecanismos usuais de buscas, como o Google, por exemplo, mas ele está longe de ser uma parte pequena ou insignificante da internet. A base da aparente invisibilidade das informações é a criptografia, propriedade usada por seus usuários para fortalecer o espaço e alterar o *status* de cada integrante para “anônimo”. Diante da complexidade desse mecanismo e de sua robusta capacidade emancipatória, apresenta-se como objetivo geral realizar um estudo sobre a estética do anonimato na Deep Web, tentando entender as construções de poder, de influência e desse novo *status* envolvido nos processos.

A natureza da web invisível oferece a possibilidade de um indivíduo ou um grupo de indivíduos codificarem uma informação de maneira tão confiável que decifrá-la tornar-se uma tarefa sobre-humana. As trajetórias de criptografia podem se fundir, criando regiões livres de forças repressoras, interceptações e controle. Todo esse universo codificado imputou aos seus usuários uma forma diferente de pensar, de interagir e de nomear a sua “presença” *on line*, isto é, o seu *status*. Portanto, é parte integrante dos objetivos específicos desse estudo inferir de que maneira o conceito de *status* foi evoluindo até que um novo significado fosse incorporado, determinando, assim, a lógica de atuação desses atores interconectados, membros de um conjunto de redes anônimas.

É importante ressaltar que não estamos diante de um fenômeno acabado, mas de eventos em franco desenvolvimento, integrantes do campo das ideias e que estão

incorporados à juízos de valor de uma forma bastante controversa, além de inseridos em um ambiente dinâmico e constantemente mutável, o ciberespaço. Nesse sentido, as metáforas preencheram lacunas essenciais ao estabelecerem uma relação conceitual entre ambos os domínios: anonimato na web e os sentidos estéticos relacionados ao fenômeno. Portanto, construir uma visão panorâmica acerca do papel das metáforas no agenciamento da estética do anonimato - traçando um paralelo entre as histórias dos bailes de máscaras e do livro *O homem invisível*, de H.G. Wells - é outro ponto considerado como objetivo específico desse conjunto de pesquisas.

Com o propósito de compreender os atores em seus próprios termos, a partir de dados não padronizáveis como os qualitativos, por exemplo, mas de descrições, comparações e interpretações, buscou-se realizar uma pesquisa exploratória de base bibliográfica, a fim de chegar a uma percepção mais consistente dos fatos.

Algumas produções científicas com conteúdos sobre metáforas, anonimato, cibercultura, subjetividade e sobre os demais temas envolvidos nessa pesquisa foram de grande valia, a exemplo das obras de autores como Campanelli (2010), Sibilia (2008), Assange (2013), entre outros. Eles ajudaram na compreensão de como esse sujeito contemporâneo está inserido no universo paralelo da Deep Web e como as suas relações sociais se estruturam.

1 Arpanet, internet, guerra fria e Deep Web: conceitos interligados

Durante a Guerra Fria, período de grandes avanços tecnológicos, inclusive na área da informática, os Estados Unidos da América sentiram-se impelidos a desenvolver um sistema de comunicação entre as bases militares e os departamentos de pesquisa do governo por temerem um ataque repentino da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a extinta URSS.

Surge, assim, a primeira rede operacional de computadores à base de comutação de pacotes, então chamada ARPANET, ou ARPANet, uma precursora da atual internet. Além dos fins militares, a ARPANet foi também um importante meio de comunicação acadêmico durante o período compreendido entre 1970 e 1980. Estudantes e professores universitários, principalmente dos EUA, puderam compartilhar idéias, mensagens e descobertas livres das barreiras de tempo e espaço.

A rede cresceu, os computadores avançaram tecnologicamente e uma linguagem comum a todos os computadores foi desenvolvida, a partir do protocolo TCP/IP. A ARPANet foi dividida, originando a MILNET, para assuntos militares, e tornando público o restante da rede, então cunhada internet. Paulatinamente, a *world wide web* alçou seu voo, e a internet se abriu ao público, às empresas particulares e privadas.

Não demorou muito para que outro servidor, paralelo à web comum, fosse descoberto: a Deep Web. Suas origens, até hoje, são um mistério, porém é certo que seja tão antiga quanto a web convencional.

1.1 Definindo a Deep Web

Conhecida também como Deepnet, Web Invisível, Undernet ou Web Oculta, a pouco divulgada Deep Web pode, simploriamente, ser definida como um conjunto de páginas e serviços inacessíveis ao grande público, uma espécie de ambiente de navegação que não sofre, até os dias de hoje, nenhum tipo de regulamentação ou controle.

Mais profundamente, trata-se, de fato, de um grande desafio para a polícia mundial, os governos e, inclusive, para os cidadãos comuns, visto que esse lado da internet é composto por sistemas que trabalham com redes anônimas, fornecedoras de conteúdos escondidos. Em tese, uma rede não se comunica com a outra, nem possuem qualquer tipo de ligação com a internet aberta, isto é, com a Surface Web, como é chamado o lado mais acessível da internet. Dentre essas redes, que foram criadas com o claro objetivo de tornar seus usuários irastreáveis mascarando o número de IP, isto é, a identificação de cada computador, através de tecnologias de computação distribuída e encriptação, a mais simples de acessar é a TOR, embora sejam também usadas a Freenet, a i2p e as redes Gnu ou Frost que, juntas, formam o conjunto de redes que agrega a maior parte do conteúdo disponível. A Deep Web, portanto, simplesmente “inexistente” para os mecanismos de busca comuns, como o Google, por exemplo.

Para manter as páginas ocultas, os criadores valem-se, ainda, de outros subterfúgios: os endereços dos *sites* são compostos por letras e números desconexos, difíceis de memorizar e que podem mudar de tempos em tempos, fazendo com que seus *links* não sejam facilmente passados de uma pessoa para outra, além de evitar, com isso,

o rastreamento. Ter acesso a um site oculto, então, depende quase sempre do compartilhamento do endereço entre usuários.

A Deep Web começa quando uma pessoa repassa para outra um conteúdo que não pode ser encontrado nos grandes sites de pesquisa. Ninguém terá acesso, nem que procure. Será preciso, antes, buscar outros conteúdos possivelmente relacionados, e conhecer pessoas que conhecem outras pessoas (ROHR *apud* LOPES).⁴

O conteúdo disponível tanto na Deep Web, como na Surface Web, atinge uma ampla gama de interesse. São pesquisas, livros, monografias, documentos sigilosos, raros ou, por alguma razão, proibidos. As páginas do Anonymous e do Wikileaks surgiram lá. Movimentos como a Primavera Árabe e os escândalos recentes envolvendo o programa de monitoramento do governo dos Estados Unidos apenas fortalecem o diagnóstico de que a Deep Web tem sido o principal meio de organização desses eventos. A verdade é que longe do patrulhamento, a internet que muito poucos conhecem, vai ganhando importância, inclusive, como território de discussão e articulação política.

Todavia, um dos pontos desfavoráveis desse universo é fato de que em grande parte da Deep Web encontram-se conteúdos ilegais. Diversos grupos beneficiam-se do anonimato para compartilhar conteúdo criminoso, carregando o espaço com páginas de pedofilia contendo imagens e vídeos explícitos, páginas de necrofilia, anúncios de assassinos de aluguel e suas tabelas de preços que variam de acordo com a importância social da vítima, zoonecrofilia, fóruns de canibalismo, além de uma espécie de Mercado Livre⁵ onde se pode encontrar desde drogas até armas e órgãos.

A razão do anonimato parece, então, óbvia na Deep Web: publicar conteúdo polêmico ou ilegal, usando o anonimato como forma de proteção da identidade dos usuários.

⁴ Entrevista concedida pelo jornalista e editor do site sobre segurança virtual Linha Defensiva, Altieres Rohr, à repórter do webjornal O Estado RJ, Amanda Lopes. Disponível em: <http://www.oestadorj.com.br/mundo/por-tras-das-cortinas-do-computador/>

⁵ O MercadoLivre é uma companhia de tecnologia líder em comércio eletrônico na América Latina, fundada em 1999, onde os usuários podem comprar, vender, pagar, anunciar e enviar uma ampla variedade de bens e serviços por meio da Internet.

2 Anônimo: o novo status dos atores interconectados

Desde simples fatos às situações mais comprometedoras, sejam cartas, tesouros ou a própria identidade, faz parte da essência do ser humano ocultar aquilo que, por alguma razão, não deseja mostrar.

A prática é tão antiga e comum que é impossível dizer como ou onde tudo começou. Ocultar, esconder, mascarar, encobrir, disfarçar, até as palavras multiplicam-se quando o assunto é absconso. O fato é que tanto os romances impressos como os digitais, bem como os livros de História, estão repletos de personagens que se valem de disfarces e pseudônimos para não serem descobertos.

Se a internet fundiu-se de tal forma à vida cotidiana, reconfigurando ambientes, promovendo uma digitalização do mundo e alterando a lógica dos relacionamentos com sua vocação devoradora de tempos e espaços, certamente os *status* pessoais também tiveram que se amoldar à evolução dessa realidade super conectada. O *status* que apenas informava aos contatos se o usuário estava disponível para conversar é, agora, um termo carregado de significados. Há *status* para quase todas as situações. Compras *on line*, relacionamentos, notificações pessoais e, até, o famoso “no que você está pensando?”, do Facebook, são cunhados *status*.

Uma extensa parte da internet, a Deep Web, só está acessível aos usuários que estiverem abrigados sob o *status* do anonimato. Nesse ambiente, especificamente, nada é indexado. Todo o tráfego de dados é criptografado. Para acessar qualquer página, o internauta precisa utilizar um programa que camufle o endereço de IP e apague os rastros. É a condição de anônimo ganhando relevância no universo *on line*. Anônimo, então, morfológicamente falando, é um termo de origem grega, constituído pela junção do prefixo *a-*, que implica negação, com a palavra *onoma*, “nome”. Sendo assim, uma carta anônima, por exemplo, é aquela cujo autor não se identifica.

Contudo, no mundo conectado, dizer que um usuário anônimo é aquele que não revela o nome seria assaz simplório. A internet vem mudando a forma como as pessoas relatam o desenvolvimento de suas vidas. A velocidade e o instantâneo, binômio que rege as tecnologias informáticas e as telecomunicações, sugerem profundas implicações na experiência cotidiana, na construção das subjetividades e nos relacionamentos sociais e afetivos (SIBILIA, 2008).

Modos de expressão e comunicação, que proliferam sob a forma de blogs, fóruns, redes sociais digitais e todas as versões cibernéticas da vida, agitam as telas da rede mundial de computadores compondo um estatuto ambíguo, instalado no limiar da publicidade total, ao qual todo ator interconectado está exposto.

Na intenção de navegar contrariamente ao sistema imposto, ou seja, “em oposição ao consenso vigente que é a favor da identificação *online* e pró-Facebook”, como afirmou Christopher Poole⁶, criador do 4chan⁷, fazendo uma referência a uma das empresas privadas que tem interesse em contribuir para uma suposta dominação econômico-político-militar, aqueles que se valem do anonimato consideram-no uma peça vital para a preservação das liberdades civis e políticas. Fala-se em não contribuir para o crescimento dos bancos de dados de empresas que monitoram as atividades de seus usuários com o objetivo de melhorar a eficácia da publicidade dirigida. Execra-se a ideia de fornecer informações a governos que se valem da necessidade de combater crimes para controlar a dissidência política. Busca-se, visceralmente, defender a tríade privacidade, anonimato e segurança.

A natureza platônica da internet, das ideias e dos fluxos de informações, é degradada por suas origens físicas. Elas fundamentam-se em cabos de fibra óptica que cruzam oceanos, satélites girando sobre nossa cabeça, servidores abrigados em edifícios de Nova York a Nairóbi... O novo mundo da internet, abstraído do velho mundo dos átomos concretos, sonhava com a independência. No entanto, os Estados e seus aliados se adiantaram para tomar o controle do nosso novo mundo – controlando suas bases físicas... O Estado se agarraria como uma sanguessuga às veias e artérias das nossas novas sociedades, engolindo sofregamente todo relacionamento expresso ou comunicado, toda página lida na internet, todo email enviado e todo pensamento buscado no Google,... E passaria a minerar incontáveis vezes esse tesouro, o produto intelectual coletivo da humanidade, com algoritmos cada vez mais sofisticados, enriquecendo o tesouro e maximizando o desequilíbrio de poder entre os interceptores e um mundo inteiro de interceptados (ASSANGE, 2013, p.22-23).

⁶ Entrevista concedida por Christopher Poole ao repórter Alexandre Matias para o jornal Estadão. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/link/foi-difícil-sair-do-anonimato-diz-moot/>

⁷ O 4chan é um conjunto de fóruns baseados em imagens sobre temas que vão de literatura a origami, passando por nichos obscuros de pornografia. A partir de uma imagem postada, cria-se um tópico sobre o qual os usuários são livres para comentar com texto ou outras imagens. As postagens são frequentemente esdrúxulas e, não raro, ilegais. O grande suporte do *site* é a ausência de registro histórico: há um limite de páginas para cada fórum (10 tópicos). Uma vez atingido o montante, as mensagens antigas são apagadas. Outro ponto relevante deve-se ao fato de que o *site* vive do anonimato, além de todas as imagens publicadas virarem domínio público.

Trata-se, de fato, de um *status* fecundo e poderoso, que põe em jogo interesses, desejos, utopias e ideais, que revela futuros e perfura poços de sentido na aparente incoerência de uma ausência física, ou no mínimo virtual, imediata. Fortalece-se, então, um eu interiorizado e opulento, excessivamente significativa, que se enche de força e destemor, certo de que apenas encobrir o rosto não seria suficiente. Esse precioso cerne pessoal busca proteger sua identidade sob todos os aspectos possíveis.

Mas nós fizemos uma descoberta. Nossa única esperança contra o domínio total...O universo acredita na criptografia... Notamos que seria possível utilizar essa estranha propriedade para criar as leis de um novo mundo. Para abstrair nosso novo reino platônico de sua base composta de satélites, de cabos submarinos e de seus controladores...Para criar novos espaços fechados àqueles que controlam a realidade física, porque a tarefa de nos seguir nesses lugares demandaria recursos infinitos (ASSANGE, 2013, p.23).

Remontar Sibilia (2008) clarifica o entendimento acerca das aspirações por trás desse novo *status* no momento em que ela propõe um interessante paralelo entre a privacidade na internet e o surgimento dos quartos individuais domésticos, em meados do século XVIII. Os quartos privativos eram “um requisito fundamental para que o *eu* do morador pudesse ficar à vontade. Sozinha e a sós consigo mesma, a própria subjetividade poderia se expandir sem reservas e se auto-afirmar em sua individualidade”, declara a autora, em uma alusão que também faria eco se aplicada à realidade do ator interconectado que altera o *status* para *anônimo*.

A identidade oculta remete à ideia de segurança, assim como um recinto próprio, separado do ambiente público e da intromissão alheia por paredes sólidas e portas fechadas. O anonimato é a condição ideal para deixar aflorar pensamentos e sentimentos privados, que sob tal *status* podem ser convertidos em ações livres dos pudores e censuras que cerceiam uma identidade revelada. Todavia, esse refúgio no anonimato não exprime apenas uma preocupação com as histórias e objetivos particulares que movem cada ator. Além de revelar as escolhas fundamentais que o sujeito faz sobre si mesmo, entram em pauta questões coletivas que envolvem política, economia, valores éticos e morais, ideais libertários e, muito frequentemente, até, práticas criminosas.

À luz dessas ideias, então, a posição dos sujeitos, usuários desse universo dito paralelo, detentores desse *status* e dessa condição aparentemente invisíveis, pode ser ilustrada e melhor compreendida a partir de algumas metáforas.

3 O papel das metáforas no agenciamento da estética do anonimato na internet

Depreender fenômenos que estão em andamento não é uma tarefa fácil, principalmente quando inseridos em um ambiente dinâmico e constantemente mutável, como o ciberespaço, ou quando fazem parte do campo das ideias, amalgamando-se à juízos de valor de forma polêmica e, até, relativa, como a questão do anonimato na web e os sentidos estéticos.

Todavia, algumas descobertas das ciências cognitivas conseguem estabelecer uma relação conceitual entre um domínio fonte e um domínio alvo, facilitando a compreensão de determinados eventos. As metáforas, por exemplo, cumprem primorosamente esse papel na construção de conceitos abstratos, ao levar em consideração o corpo, a mente, e seus alcances.

Ocorre que, há séculos, a razão tem sido a definidora das características dos seres humanos, incluindo a capacidade de inferência lógica e a habilidade para condutas como inquirir, resolver problemas, criticar, avaliar, deliberar sobre como agir e alcançar uma compreensão de si, dos outros e do mundo. Trata-se, portanto, de uma capacidade evolutiva e universalmente compartilhada. Lakoff e Johnson (1999) afirmam que a razão é consciente, tendo parte inconsciente, não é algo totalmente literal, mas metafórico, imaginativo e emocionalmente engajado, co-dependente do contexto.

O inconsciente cognitivo é parte constitutiva da consciência, sendo fundamental para o processo de construção do sistema conceitual mediado pela construção do mundo. Sendo assim, se for verdade que a nossa representação do mundo tem a influência das metáforas que elaboramos, quase sempre de modo inconsciente, e que a maior parte dos seres humanos conceitualizam coisas novas em termos de coisas já conhecidas, está devidamente explicitado o elo entre as metáforas e a estética do anonimato na internet.

Para corroborar ainda mais com as ideias expostas, a estética, apesar de não haver um consenso quanto à sua definição, está ligada às impressões sensoriais, aos

conceitos inexatos de beleza e arte, ao pensamento e à razão (CAMPANELLI, 2010). Quando se trata de estética na web e, mais precisamente, da estética do anonimato *on line*, entram em cena as estruturas de poder, influência e os estatutos privilegiados. O navegar sem ser descoberto, o compartilhamento de conteúdo proibido, os ideais utópicos de liberdade, justiça e independência são apenas alguns dos elementos que compõe a lógica complexa da estética desse universo anônimo.

Não se mostrar, estar aparentemente ausente, mas, de fato, presente, é um forte elemento produtor de sentido, algo que corrompe o sistema e corrói o ambiente. Por isso, a importância do pensamento metafórico na produção de significados e no agenciamento da estética do anonimato na internet.

3.1 Um *link* entre os bailes de máscaras e o romance “O homem invisível”

Pietro Barbo, o Papa Paulo II, contribuiu para a evolução do carnaval romano, imprimindo uma relevante mudança estética ao evento: a introdução das máscaras à indumentária dos participantes, em meados do século XV.

Ao longo dos séculos XV e XVI, as máscaras ganharam ainda mais notoriedade por influência da *Commedia dell'Arte*⁸, que eternizou personagens como o Pierrot, a Colombina, a Pulcinella e o Arlequim. O movimento inspirou o Carnaval de Veneza com seu famoso *Ball Masqué*. Nessa época, a nobreza valia-se das máscaras para sair e, disfarçadamente, misturar-se ao povo. As damas elegantes utilizavam-na, também, como instrumento de sedução. O mascarado, coberto por chapéus e casacos, tornava-se, de fato, um anônimo, e, sob tal condição, deslocava-se incognitamente aos cassinos, reuniões secretas, encontros com amores ilícitos e toda sorte de extravagâncias que não seriam possíveis se estivesse à paisana. Curiosamente, até a palavra *pessoa* tem raízes no termo latino *persona*, como eram chamadas as máscaras usadas no teatro.

De forma semelhante, em um mundo anônimo e interconectado, os relacionamentos não apenas prescindem da presença física, mas também de uma identidade, de uma referência, apenas a informação é relevante. Só é possível

⁸A *Commedia Dell'Arte* foi uma forma de teatro popular improvisado que se apresentava pelas ruas e praças públicas das cidades. Os espetáculos começaram no séc. XV, na Itália, e se desenvolveram, posteriormente, na França, mantendo-se popular até o séc. XVIII.

estabelecer algum tipo de contato com o interlocutor a partir daquilo que a sua mensagem comunica, e se ele desejar que essa mensagem seja encontrada. Trata-se de um tipo de interação muito peculiar, que proporciona comunicações aparentemente libertadoras sob diversos aspectos.

A exemplo das máscaras utilizadas nos bailes venezianos, que permitiam aos usuários transitar disfarçada e sofregamente por mundos proibidos, o *status* anônimo promove os atores interconectados à condição que quiserem: homem, mulher, criança, velho, pirata ou ninja detentores de uma mensagem criptografada, munidos das mais diversas intenções.

Outra metáfora que cumpre o seu papel na descrição desse universo oculto e digital é a do *homem invisível*, cerne do romance homônimo de H.G. Wells, publicado em 1897, que, pela primeira vez, abordou o tema da invisibilidade de modo científico, inspirando vários filmes e séries de TV. O livro conta a história de um cientista chamado Jack Griffin que descobriu o processo químico da invisibilidade, mas não foi capaz de descobrir o antídoto. Ele aplicou o procedimento em si mesmo e, até que pudesse produzir uma cura, ficou permanentemente invisível.

A história começa quando, para completar seus estudos, o cientista invisível estabelece-se em uma pequena cidade da Inglaterra. Seus estranhos hábitos, principalmente o de andar completamente coberto com ataduras, trajando sempre um grande chapéu, luvas e óculos escuros, chamam a atenção dos moradores. Após a chegada do estranho, uma série de roubos ocorre na cidade, e o ladrão não deixa rastros. Griffin rouba a fim de obter fundos para desenvolver o antídoto, mas não consegue manter o segredo por muito tempo, sendo obrigado a revelar sua invisibilidade. Embora se torne, a partir de então, um foragido, sem as roupas ninguém poderia vê-lo.

Griffin, inicialmente, acreditava que a invisibilidade traria enormes benefícios, mas penosamente descobre que não existem vantagens significativas. A invisibilidade começa a enlouquecê-lo. Griffin faz planos de um reinado de terror, valendo-se da sua condição como se estivesse de posse de um escudo. Eventualmente, ele é cercado e capturado por uma multidão enfurecida. Os moradores irritados espancam-no brutalmente até a morte. Em seus últimos momentos de vida, seus sinais vitais e sua invisibilidade vão perdendo a força. De forma inversamente proporcional, quanto mais próximo da morte, mais visível ele se torna.

O homem invisível, assim como a máscara, são metáforas do anonimato. Barreiras que minimizam a força do olhar social, dirimindo seu astuto poder de reconhecer e amarrar cada um ao seu próprio lugar, à sua própria identidade e ao que dela se espera. A suspensão do olhar social, da censura, de uma prática analítica e confessional, autoriza a fala do indizível. Faz surgir outra palavra, outra ação e, por que não dizer, outros habitantes de uma única subjetividade. As fantasias, os ideais políticos e sociais, as várias possibilidades de ser e sentir estão, agora, libertos. Aqueles que, não raro, viviam amordaçados pela autocensura, pelas normas e pelos ideais identificatórios modelizantes oferecidos pela cultura encontraram no anonimato uma forma de expressão, de defender a liberdade de informação, o enfrentamento do poder e da mídia. Encontraram espaço para os fetiches, as obsessões e para os ilícitos.

Já faz algum tempo, as pessoas têm sido extensivamente expostas à ideia de falta de privacidade, de que a vida e os segredos devem ser exibidos. A intimidade tornou-se não apenas revelada, mas imposta e, agora, internalizada.

Embora a intimidade seja imposta, a prática da exposição pública, do “striptease espiritual público”, podemos dizer, já foi internalizada, não é mais imposta. Crianças de 8, 10 anos passam várias horas diárias em frente a um laptop, contando tudo sobre elas a quem quiser ler ou ouvir, até mesmo, a quem não quiser... Nós fazemos parte do mundo quando estamos *on line*, graças à ajuda da internet. Quando estamos *off line*, a vida é deserta porque a oferta da socialização, da convivência, da união, da amizade foi assumida pelo *on line*... Se adicionarmos a isso a comercialização da moral humana, isto é, a nossa total conversão ao consumismo obsessivo-compulsivo, perceberemos, por exemplo, que a hora do lazer e da família foi apagada pela necessidade do ter. As pessoas esqueceram seus deveres morais (BAUMAN, 2012)⁹.

Devidamente posicionado na contramão desse sistema instaurado, então, está a possibilidade do anonimato. Através desse novo *status*, os atores interconectados despem-se das ataduras, das luvas e chapéus. Andam sem serem percebidos, discriminados, execrados ou excluídos. Levantam suas bandeiras, insuflam levantes populares, desenvolvem códigos e influenciam políticas públicas porque fazem parte de relações não-presentificadas, de uma produção subjetiva que não está gravada em uma

⁹ Sociólogo Zygmunt Bauman em entrevista ao programa Globo News Milênio (Janeiro/ 2012).

página morta de um livro, mas que se constrói em interação com muitas outras personagens.

Considerações finais

É certo que a construção de personagens também pode ocorrer nas relações presenciais. Contudo, a adoção dessas *personas* em universos digitais como a Deep Web é de outra natureza.

Apesar das similitudes com as formas sociais e os papéis desempenhados fora da rede, inegavelmente, surgem, dessas ausentes presenças midiáticas *on line*, questões inéditas, apenas comprovadas através de certo lastro empírico. Salvaguardados pela condição de anônimo e pelo mundo criptografado no qual transitam, os internautas têm total liberdade para construir a imagem - ou a “ausência” - com a qual desejam se apresentar.

O fato é que a web invisível, assim como a *surface*, apresenta uma enorme gama de possíveis usos. São infinitas possibilidades cujo potencial ainda é uma incógnita, mas as pessoas estão de tal forma interligadas a esse universo que toda a existência pessoal, comunitária, profissional, de lazer e de consumo são, em algum nível, influenciadas e reorganizadas por ele. Entre os diversos mitos que circundam a web invisível, há quem diga que o Google só consegue rastrear 1% do que existe *on line*. Os outros 99% estariam na Deep Web (MELLO, 2012).

As trajetórias de criptografia entre as pessoas vêm, paulatinamente, se fundindo e criando regiões livres das forças repressoras, da interceptação em massa e do controle. Em um fluxo frenético de compartilhamento secreto de informações, a criptografia é a derradeira força de ação direta e não fisicamente violenta capaz de manter segredos inacessíveis (ASSANGE, 2012). Não está claro se o mundo, de agora em diante, terá que ser assim, mas, a criptografia e a consequente condição de anonimato a ela inerente vêm ganhando cada vez mais espaço. As razões para tanto fascínio e aceitação são diversas. Há propósitos unicamente pessoais e assaz espúrios como pedofilia, estupro, tráfico de drogas e encomenda de assassinatos. Impulsos psicopatas como canibalismo e necrofilia são facilmente encontrados nessa espécie de lado paralelo da internet, mas há propósitos coletivos e bem mais nobres, também.

Muitos correspondentes internacionais se comunicam com suas respectivas redações por meio da Deep Web. Países como Irã, Coréia do Norte e China costumam controlar a internet convencional, sobretudo se quem estiver navegando for um jornalista estrangeiro. A web invisível, então, surge como a melhor forma para burlar a censura. Especialistas acreditam que levantes como a Primavera Árabe não teriam existido sem a Deep Web. O Wikileaks¹⁰ e o Anonymous¹¹ dificilmente teriam incomodado tanta gente poderosa se não fosse a versão “subterrânea” da internet. Quebras de sigilo, documentos governamentais abertos, disseminação de conhecimento e bens culturais ocorrem intensa e rotineiramente na web invisível, além de complexos fóruns de programação, livros até então perdidos, músicas que são como achados arqueológicos, artigos científicos que, de outra sorte, seriam pagos. Enfim, tudo que existe na *surface*, existe de maneira bem mais agressiva na Deep Web, tanto para o bem quanto para o mau.

Diante dessa realidade irreversível, afeita à liberdade, nas suas mais diversas formas, imune aos controles e às manipulações, a conclusão é que estamos diante de profundos sinais de mudanças culturais. Talvez, uma revolução cultural, mas ainda não há conhecimento suficiente para arriscar, com responsabilidade, um prognóstico sobre a direção para a qual as pessoas serão guiadas, afinal, muitas pressões contraditórias estão envolvidas. Há a austeridade governamental que tenta demarcar seu território, travestindo-se de guardião da segurança mundial e camuflando ideais de controle político. Há também os interesses econômicos dos grandes conglomerados privados que sugam informações de uma massa social, depositam em seus gigantescos bancos de dados e, de lá, embotam a sociedade e avigoram a imbricada relação entre internet, publicidade e consumismo. Em uma face oposta estão aqueles que batalham pela liberdade na web, que defendem um esclarecimento da população, um maior controle público das instituições de vigilância e estratégias técnicas, para contornar a espionagem de empresas e governos. Além, é claro, da massa de criminosos e oportunistas que se aproveitam da situação para fortalecer seus objetivos escusos.

¹⁰ Wikileaks é uma organização transnacional sem fins lucrativos, que publica, em seu *site*, postagens de fontes anônimas, documentos, fotos e informações confidenciais, vazadas de governos ou empresas, sobre assuntos sensíveis.

¹¹ Anonymous, palavra de origem inglesa, que em português significa anônimos, designa uma legião que se originou em 2003 para representar o conceito de muitos usuários de comunidades *online* existindo simultaneamente como um cérebro global.

Diante dos meandros dessa atual comunicação super conectada e anônima é interessante perceber como as metáforas das máscaras e do homem invisível exerceram um papel crucial para uma reorganização de conceitos e para a possibilidade de atuar de forma mais consciente a partir dessa compreensão mais ampla dos rearranjos sociais advindos, endossados e camuflados pelo *status* “anônimo”.

O anonimato garante uma forma de expressão, assegura o direito de defender a liberdade de informação, de enfrentar o poder instituído e a mídia. Estão livres as fantasias, os ideais políticos e sociais, as várias possibilidades de ser, sentir e agir. Os fetiches, as obsessões e os ilícitos também encontraram um espaço. “Anônimo” é, agora, o *status* vigente.

Referências

ASSANGE, Julian. *Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet*. Ed. Boitempo Editorial, 2013.

BAILE DE MÁSCARAS: MUITO ALÉM DE UMA ALEGORIA. Disponível em: <http://velhoarmazem.com.br/?p=932>. Acesso em: 31.jul.2013

CAMPANELLI, Vito. *Web Aesthetics: how digital media affect culture and society*. Rotterdam: NAI Publishers, 2010.

DESVENDANDO A DEEP WEB: O LADO NEGRO DA INTERNET. Disponível em: <http://www.issobizarro.com/blog/mundo-bizarro/desvendando-deep-web-lado-negro-da-internet/>. Acesso em: 10.jun.2013

DUMAS, Véronique. *A origem da internet: A história da rede de computadores criada na Guerra Fria que deu início à Terceira Revolução Industrial*. Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_nascimento_da_internet.html. Acesso em: 10.jun.2013

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LOPES, Amanda. *Por trás das cortinas do computador: Quando a internet livre cedeu espaço à construção de regras para a promoção de direitos e liberdades*. Disponível em: <http://www.oestadorj.com.br/mundo/por-tras-das-cortinas-do-computador/#sthash.m1Xjk2uM.dpuf>. Acesso em: 10 jul.2013.

MELLO, João. Nem tudo são trevas: o lado bom da Deep Web. In. **Revista Galileu**. Maio/2013. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI331438-17770,00->

NEM+TUDO+SAO+TREVAS+O+LADO+BOM+DA+DEEP+WEB.html>. Acesso em: maio/2013.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2008.

WELLS, H.G. *O homem invisível*. Rio de Janeiro:Ed. Nova Alexandria, 2002.